

CARTA A UM DESTINATÁRIO DESCONHECIDO

Data: 1 de junho de 1862

Tradução: Camila Felicori (Redemoinho Traduções)

Nota: primeira publicação em língua original

Londres, 1º de junho de 1862
Paddington Green. W., 10

Senhor,

Certamente houve um mal-entendido e Herzen, que se esqueceu de me mostrar a carta em questão, foi a única causa. Ademais, não estou reclamando disso, já que me deu a oportunidade de renovar meu contato contigo. Aproveito a oportunidade para me explicar sobre outro mal-entendido, mais grave que o primeiro e que parece ter ganhado, notadamente, raízes entre mim e seus compatriotas. Onde o senhor viu que eu queria limitar a Polônia ao reino de 1815? Foi em meu único artigo no *Kolokol*? Mas peço-lhe que faça o favor de relê-lo, senhor, e desafio você a mostrar-me uma única palavra que sustente sua acusação que ouse qualificar como injusta, estando eu ciente de ter dito de modo explícito completamente o contrário. Eu apenas combati o chamado direito histórico e o fiz por duas boas razões: ao admiti-lo, eu deveria ter reconhecido de antemão o direito do Império Germânico ou, se você preferir, da Alemanha Confederada sobre o Reino da Boêmia, assim como a dos magiares sobre os eslavos da Hungria. Em segundo lugar, eu deveria ter renunciado ao princípio soberano da liberdade dos povos que não de-

vem, de forma alguma, se deixar aprisionar pela história. A liberdade, em todas as suas aplicações, e em todas as suas consequências rigorosas – esta é nossa palavra de ordem, e espero que também seja a sua, senhor. Que as antigas províncias polonesas, agora sujeitas ao império da Rússia, queiram, novamente, se fundir na centralização polonesa, que eles retornem a ela por um movimento espontâneo e livre das populações, tão logo a liberdade do movimento lhes seja restituída, isso nos parecerá perfeitamente justo. Mas que eles assim sejam forçados a isso, somente porque já foram, anteriormente, parte da coroa da Polônia, eis aqui o que seria injusto e que [não] se poderá. Dessa forma, toda a questão se reduz a esta: eles irão querer ou não? Para que o queiram, não basta que a pequena e a grande nobreza, que ali as constitui uma ínfima minoria, apenas um décimo de toda a população, tenham sentimentos poloneses – disto ninguém duvida; é necessário, ainda, que o povo, o chlop, os partilhe – o que, na Ucrânia, é pelo menos fortemente dubitável. Tudo se resume então a isto: a Szlachta está determinada a reconquistar, às custas de grandes sacrifícios, a simpatia e a fé popular, perdidas por suas próprias falhas, por seus crimes históricos? Ao meu ver, assim como na Rússia, é preciso que a nobreza polonesa se torne povo para que o povo a siga. Este será [sem dúvida] um enorme sacrifício de sua parte, o sacrifício de um passado brilhante, mas que será, também, o começo de um magnífico porvir. Esse é, senhor, o úni-

co e o verdadeiro sentido da “Chlopska Polska” pelo qual você me critica. Ao empregar esse termo, não tive nenhuma outra ideia. O senhor sabe que se nós fôssemos inimigos da sua pátria, como você parece acreditar, deveríamos ter ficado encantados ao ver a grande maioria da sua nobreza mergulhada em ilusões funestas. Mas é precisamente por sermos amigos sinceros da Polônia e a queremos grande, livre, poderosa, alegre, que nós estamos prontos para lhe clamar como o imperador Alexandre, mas com uma intenção inteiramente contrária: nada de devaneios!

O senhor sabe que poloneses e russos nos encontramos não apenas em posições diferentes, mas também diametralmente opostas: sua existência como nação é negada pela violência infame de três potências estrangeiras, e o senhor tende, naturalmente, à reconstituição de uma centralização do poder polonesa. Ao contrário, há um século e meio formamos um Estado poderoso, do qual somos escravos, e detestamos essa centralização que para nós significa escravidão. Somos girondinos socialistas. Longe de nos glorificarmos nessa grandiosidade monstruosa do Império Russo, queremos sua destruição radical e completa; desejamos sua queda tão apaixonada[mente] quanto vocês mesmos. Estamos muito convictos de que onde há centralização não há espaço possível para liberdade. Portanto, não apenas renunciamos de bom grado à Lituânia e à Ucrânia, mas também esperamos que a própria Grande Rússia se divida e se transforme em uma federação de províncias autônomas. O senhor estaria, então, errado em nos confundir, senhor, seja com Pce Dolgorouky, seja com Pce Troubezkoy, que acaba de dizer que publicou um panfleto sobre a questão polonesa, e que, além disso, não representava mais que uma ficção aristocrática sem fundamento e sem futuro em nosso país – enquanto nós, senhor, tivermos consciência disso, temos, atrás de nós, toda a Rússia forte e vivaz. E nós chegamos a você com boa fé, sem segundas intenções nem ciúmes mesquinhos, com uma simpatia sincera pela sua nobre pátria. Nós lhe dizemos: ainda não é o momento de organizar o porvir, primeiro é necessário destruir. Nosso inimigo comum,

que não é apenas o imperador, mas o império da Rússia, ainda não está arruinado. Ele é poderoso, nós somos comparativamente frágeis. Ao unirmos nossos esforços, nos tornaremos mais fortes. Será um grande erro de ambas as partes se não nos dermos as mãos. Mas esse erro pelo menos não será nosso. E agora, senhor, clamo que releia meu artigo no *Kolokol*. É impossível que você não encontre ali os mesmos pensamentos. Foi-me dito que esse artigo foi traduzido para o francês, e que essa tradução se encontra em Paris. Eu ficaria muito agradecido caso o senhor queira me enviar um exemplar.

Ao mesmo tempo, expresse-lhe minha simpatia.

M. Bakunin